

CONFLITO: UMA DAS MOLAS PROPULSORAS DO DESENVOLVIMENTO DO ENGENHEIRO-PROFESSOR

Liane Velloso-Leitão – liane.leitao@ifpb.edu.br
Instituto Federal da Paraíba (IFPB) – Campus Cajazeiras
Rua José Antônio da Silva, 300 – Jardim Oásis
58900-000 – Cajazeiras – Paraíba

Resumo: *As relações humanas são perpassadas por conflitos que promovem o desenvolvimento do indivíduo, a partir do momento em que reflexões acerca do seu agir são realizadas, provocando mudanças no seu ser e fazer. Tomando o trabalho sob a perspectiva de uma atividade conflituosa, esta pesquisa analisa, ancorada na Linguística Aplicada indisciplinar e mestiça (MOITA LOPES, 2013), as representações do agir docente de um engenheiro-professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), a partir dos conflitos provenientes das suas experiências pessoais e profissionais na Engenharia e na Docência. Para tanto, nos fundamentamos nos pressupostos do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1999) que tem o desenvolvimento humano (VYGOTSKY, 2007 [1984], 2008 [1987]) como uma das suas bases epistemológicas e na Clínica da Atividade (CLOT, 2010), que aborda o conflito como gerador de desenvolvimento sob o olhar vigotskiano. Os dados gerados via questionário, com perguntas que versavam sobre a sua vivência como engenheiro e como professor, foram analisados por meio de duas categorias linguísticas do ISD: os conteúdos temáticos e as modalizações. Assim, a análise apontou para os seguintes aspectos: a importância do texto na compreensão do trabalho docente, a necessidade de entender como as construções sociais e individuais, o espaço e o tempo influenciam o/no processo de (des)construção identitária, a urgência em transformar a dualidade da Engenharia e da Pedagogia em complementariedade, a fim de que a atividade do engenheiro-professor não perca de vista o lado humano do aluno e sobretudo, do papel dos conflitos como retroalimentador das profissões.*

Palavras-chave: *Formação do engenheiro-professor. Conflitos. Desenvolvimento humano. Linguística aplicada*

1 CONFLITO E DESENVOLVIMENTO DO ENGENHEIRO-PROFESSOR NA DOCÊNCIA

Será que vou gostar de ser professor quando esses desafios acabarem (se é que eles acabam)? (Engenheiro-professor Xavier¹)

¹ Participante desta pesquisa cujo perfil será brevemente apresentado na seção metodológica.

O homem, por ser de natureza social, se relaciona a todo instante com o outro proveniente de vários círculos, tais como familiar, escolar, religioso e profissional, construindo suas representações acerca da vida no mundo, indicando que não vivemos sozinhos e que somos formados no/pelo social, mesmo que nos reconhecamos subjetivamente nos outros.

Um dos elementos que constitui essa natureza social e que é significativo para o desenvolvimento do indivíduo é o conflito, de acordo com Vygotsky (CLOT, 2010). Nessa perspectiva, abordamos o papel do trabalho na vida do homem, especificamente de um engenheiro-professor, analisado a partir de um contexto sócio-histórico específico que demanda ações, comportamentos, ideias, conhecimentos e saberes. Segundo Machado (2007, p. 91), o trabalho é uma atividade interacional, situada, transpessoal, conflituosa e fonte para aprendizagem e desenvolvimento, dentre outras características.

Por meio dos processos interacionais nós nos desenvolvemos como indivíduos trabalhadores. Entretanto, esse desenvolvimento é permeado por conflitos originários do contexto de trabalho, das relações com os pares e com os outros coletivos de trabalho, da organização do meio-aula e da transposição da teoria para a prática na aprendizagem que influenciam a (des)construção da identidade do professor. No caso do engenheiro-professor, outros conflitos surgem a partir da lacuna de uma formação pedagógica específica e principalmente, da concepção do ser e do fazer desse profissional na docência.

Sendo assim, este trabalho aborda alguns conflitos inerentes à atividade docente de um engenheiro-professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, por meio do texto produzido por ele e analisado sob o olhar da Linguística Aplicada transdisciplinar. Desse modo, este artigo está estruturado em quatro seções: a primeira aborda o nosso aporte teórico; a segunda, a metodologia e o colaborador da pesquisa; a terceira as análises e por fim, as considerações finais.

2 AS CORRENTES TEÓRICAS

Sob a ótica desenvolvimentista e interacional, este artigo é desenhado a partir dos traços da Linguística Aplicada (LA) heterogênea, indisciplinar (MOITA LOPES, 2006, 2013) e transdisciplinar e se apoia nos fundamentos do Interacionismo Sociodiscursivo, doravante ISD, (BRONCKART, 1999, 2006), que propõe uma Ciência do Humano. Para Bronckart e para os autores² nos quais sua teoria se sustenta, o social é constitutivo do individual e do psicológico, o que significa dizer que não há como separar as várias dimensões que constituem o homem. Associada ao conceito de desenvolvimento, abordaremos a questão dos conflitos inerentes às atividades humanas (CLOT, 2010), noção trabalhada sob o olhar da Psicologia via Clínica da Atividade e a sua relação com o desenvolvimento humano (VYGOTSKY, 2007 [1984], 2008 [1987]). Sobre isso, Clot (2010) assevera que “o desenvolvimento do poder de agir real pode [...] desencadear uma crise em equilíbrios laboriosamente adquiridos e que o desenvolvimento do sujeito não segue mecanicamente o desenvolvimento do seu poder de agir profissional” (p.31).

Para que tenhamos acesso a esse poder de agir profissional e às várias outras representações do participante da pesquisa, recorreremos à linguagem (objeto de estudo da Linguística) devido ao seu papel de organizadora das ações humanas, via textos (oral ou escrito). Sendo assim, o texto como materialização da linguagem é o nosso lugar de análise dos conflitos que mobilizam as capacidades e habilidades do trabalhador.

² O ISD apresenta um mosaico teórico fundamentado em Vygotsky, Saussure, Leontiev, Spinoza, Marx e Engels, Habermas, Volochínov e Bakhtin.

Portanto, esse delineamento teórico coaduna com o que propomos nesta pesquisa: olhar e analisar as representações do agir docente do engenheiro-professor Xavier tomando como vertente os conflitos geradores de desenvolvimento oriundos da sua experiência pessoal e profissional na Engenharia e na Docência.

3 A CORRENTE METODOLÓGICA

Como metodologia proposta pelo ISD apresentamos uma abordagem descendente dos fatos linguageiros representados no *corpus* deste artigo. Tal abordagem parte do macro para o micro, ou seja, do contexto da pesquisa e o perfil do participante até as categorias de análise linguística apropriadas para responder ao objetivo geral que é o de identificar os conflitos que perpassam a atividade docente de um engenheiro-professor e a sua relação com o seu desenvolvimento, a partir das suas representações.

Como instrumento metodológico, selecionamos o questionário, enviado ao engenheiro-professor Xavier no dia 04 de outubro de 2017 e recebido no dia 30 do mesmo mês, e que se estruturava em vinte e cinco perguntas que versavam sobre o perfil acadêmico e profissional, início das atividades docentes no IFPB e o início das atividades especificamente nos cursos técnicos integrados ao ensino médio³, além de finalizar com uma reflexão acerca de possíveis mudanças na formação profissional.

Xavier é graduado e mestre em Engenharia da Computação, tendo atuado como especialista em desenvolvimento de *hardware* em uma instituição que promove inovações tecnológicas, localizada em Recife, por aproximadamente quatro anos antes de ingressar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), palco da nossa pesquisa e no qual leciona há quase três anos. No campus onde trabalha, Xavier é membro da Comissão de Educação e Atualização Profissional (CEAP) desde a sua criação em 2016. A CEAP é um espaço formativo que promove discussões acerca de: uma formação pedagógica específica para o engenheiro-professor, do processo de ensino e aprendizagem do aluno, do papel do professor nesse sistema, de metodologias utilizadas em sala de aula que não surtem o efeito esperado e qual a possível solução, dentre outros assuntos.

A fim de analisar as representações produzidas pelo engenheiro-professor, tomamos como categoria de análise presentes no ISD, os conteúdos temáticos (CTs) e as modalidades. Os CTs apresentam uma visão geral do que é discutido, definindo os temas nos quais os segmentos de texto serão organizados. Isto posto, selecionamos três CTs a partir do objetivo proposto:

- CT1: Conflitos identitários

Neste CT, serão trazidas representações de Xavier acerca das suas experiências na Engenharia e na Docência que, em alguns momentos, ao apresentarem tensões, promovem indecisões sobre quem é enquanto profissional e sobre o seu futuro.

- CT2: Conflitos do meio-aula

Abordamos aqui, o objeto do trabalho docente, qual seja, “organizar um meio que possibilite a aprendizagem de conteúdos disciplinares e o desenvolvimento de capacidades específicas” (MACHADO, 2007, p.92). Essa organização se dá por meio de interações com os

³ Os Institutos Federais oferecem cursos técnicos integrados ao ensino médio em seus campi àqueles que já concluíram o ensino fundamental, garantindo tanto a formação do ensino médio quanto a técnica profissionalizante.

outros, sejam eles seus pares, seus alunos e seus responsáveis, os coordenadores de cursos, os pedagogos, os psicólogos ou quaisquer outros que façam parte do sistema educacional.

- CT3: Conflitos pedagógicos

Os conflitos citados por Xavier estão relacionados ao diálogo (ou sua ausência) entre a Engenharia e a Pedagogia, a partir do contexto onde trabalha.

Aliada aos conteúdos temáticos, anunciamos as modalizações como a segunda categoria linguística empregada, que têm como finalidade evidenciar o posicionamento do sujeito falante (enunciador), levando em consideração suas referências pessoais, sociais, espaciais e temporais. São classificadas em lógicas, deonticas, pragmáticas e apreciativas (BRONCKART, 1999) Entretanto, apenas as duas últimas foram localizadas e analisadas nos excertos da análise. As pragmáticas estão ancoradas na intenção do agente (querer-fazer), nas suas razões (dever-fazer) e nas suas capacidades de ação (poder-fazer), enquanto que as apreciativas apontam para intervenções de caráter mais subjetivo desse agente, por exemplo, por meio de adjetivos.

Diante desse panorama, apresentamos a análise dos dados do engenheiro-professor Xavier.

4 OS CONFLITOS DO ENGENHEIRO-PROFESSOR

Sob a perspectiva do trabalho como uma atividade conflituosa (Machado, 2007, p.91), apresentamos os seguintes segmentos para análise, de acordo com os conteúdos temáticos.

4.1 CT1: Conflitos identitários

Este CT é composto por três segmentos de texto pautados nas representações dos conflitos relacionados às identidades, a partir das experiências vividas na Engenharia e na Docência pelo engenheiro-professor Xavier.

Segmento 01:

Eu me vejo como professor. Na verdade, nunca me vi como engenheiro. Como sou formado em Engenharia da Computação, não há uma forte regulamentação do conselho (CREA) para minha atuação. Eu não tenho registro do CREA, portanto, não me considero engenheiro – sou bacharel em engenharia.

Essa é uma questão que me aflige: quanto mais tempo sou professor, mais tempo estou afastado do mercado. Penso ser de suma importância manter contato com empresas e indústrias para me manter atualizado. Tenho receio de ficar por anos ensinando coisas que não são úteis.

Este trecho revela o posicionamento subjetivo de Xavier a respeito dos conflitos que permeiam a sua vida profissional, a partir dos lugares sociais que ocupa: professor (“Eu me vejo como professor”) e engenheiro (“[...] nunca me vi como engenheiro”). Apesar de ter a formação acadêmica em Engenharia da Computação, ele não se concebe como engenheiro, pois ao dizer “não há uma forte regulamentação do conselho (CREA) para minha atuação”, sinaliza o papel prescritivo da instância que estrutura a profissão de engenheiro, por meio da modalização apreciativa em “forte regulamentação”. Esse adjetivo indica uma interpretação subjetiva de Xavier a respeito da rigidez prescritiva da atividade do engenheiro, o que talvez não seja constatado na sua profissão de desenvolvedor de *hardware* e *firmware*. Essa representação acerca do não se considerar engenheiro revela a importância do reconhecimento do seu trabalho pelo outro, nesse caso, o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia.

O posicionamento enunciativo com as marcas linguísticas de primeira pessoa do singular (eu, me, minha, tenho, etc.) indica a responsabilização assumida pelo engenheiro-professor Xavier ao longo do seu falar, revelando suas representações sobre a (des)construção das suas identidades profissionais em “eu me vejo como professor” (modalização apreciativa) e “eu não tenho registro do CREA (modalização deôntica), portanto, não me considero engenheiro” (modalização apreciativa) e seus conflitos entre continuar a ser professor, ficar afastado do mercado onde atuaria como engenheiro e ensinar “coisas que não são úteis” (modalização apreciativa). Ao mesmo tempo em que podemos inferir por meio das modalizações apreciativas em “penso ser de suma importância manter contato com empresas e indústrias [...]” que esse afastamento tem relação com a necessidade/vontade/intenção de Xavier de voltar a atuar como engenheiro, logo em seguida ele aponta para a sua preocupação na docência: “tenho receio de ficar por anos ensinando coisas que não são úteis”. Novamente ele assume o seu posicionamento autoral (verbo na primeira pessoa do singular) nessa representação acerca do trabalho que desenvolve no IFPB e da sua compreensão.

Segmento 02:

Quando me perguntavam minha profissão, eu sempre respirava fundo antes de falar “especialista em desenvolvimento de *hardware*⁴”. Hoje, dizer que sou professor é mais fácil. O problema é responder a pergunta que segue: professor de que? Aí eu tenho que dizer que sou professor de microcontroladores – a dificuldade se repete!

Este excerto aborda, mediante uma movimentação entre passado e presente, o conflito de Xavier ao responder a mesma pergunta sobre a sua profissão. Dizer que é “especialista em desenvolvimento de *hardware*” não era simples para ele, provavelmente por ser uma profissão nova na cultura profissional se comparada à do professor, por exemplo, que está consolidada no senso comum e na memória coletiva há anos: todos têm uma representação do que é ser professor. Mas e do “especialista em desenvolvimento de *hardware*”? Esse conflito identitário é resolvido momentaneamente por ele, ao dizer que hoje ele é professor. Porém, outra dificuldade surge: de quê?

Tal situação conflituosa indica que o indivíduo, por mais que esteja na sua zona de conforto, nesse caso de Xavier a docência – “hoje, dizer que sou professor é mais fácil”, e representada linguisticamente pela modalização apreciativa “mais fácil”, a presença do outro (familiares, amigos, vizinhos, etc.) demanda reflexões sobre o seu ser e fazer. O que antes estava consolidado (ser professor) precisa ser desconstruído: “O problema é responder a pergunta que segue: professor de quê? Aí eu tenho que dizer que sou professor de microcontroladores – a dificuldade se repete!”. Logo, inferimos como os conflitos são propulsores do desenvolvimento, na medida em que Xavier precisa descobrir formas para explicar qual a sua profissão, o que faz e como faz, levando-o a pensar sobre si, o seu trabalho e o outro, em um processo de (des)construção identitária contínua.

Segmento 03:

Sim, atualmente sou professor – e gosto de ser professor. Mas, não sei se vou morrer professor - pode ser que no futuro eu volte a ser desenvolvedor.

⁴ Nome do cargo que possuía na empresa de inovações tecnológicas que trabalhava antes do IFPB.

Finalizando o CT1, trazemos esse segmento como um nó a ser desatado pelo engenheiro-professor Xavier acerca do seu futuro profissional. Ao dizer “[...] atualmente sou professor – e gosto de ser professor. Mas, não sei se vou morrer professor”, podemos ressaltar mais um conflito: o de viver e morrer professor ou apenas viver professor. Por meio da conjunção “mas”, que indica oposição, há uma tensão entre o gostar de ser professor e o voltar a ser desenvolvedor. A própria escolha dos verbos indica a existência de sentimentos que perpassa a sua atividade docente (“sou”, “gosto”), mesmo que diga que não sabe se vai morrer professor, pois pode se ver nas duas profissões, sem desconsiderar nem uma nem a outra, haja vista que ambas o constituem como indivíduo. Vale destacar que o seu trabalho na docência é impregnado por representações do mundo da Engenharia que influenciam o seu modo de agir e pensar enquanto engenheiro-professor: engenheiro por formação acadêmica e professor por atividade de trabalho realizada.

Dialogando com a realidade docente no IFPB, abordaremos no próximo CT o conflito citado por Xavier proveniente do meio-aula.

4.2 CT2: Conflitos do meio-aula

O meio-aula, como objeto do trabalho do professor, é identificado por Amigues (2004) como sendo “a organização de um meio de trabalho (que) é certamente orientada para a atividade dos alunos”, bem como “para o professor, que vai ser o executor de sua própria concepção” (p.45). Desse modo, o segmento 04 expõe as representações do engenheiro-professor Xavier acerca das suas aulas.

Segmento 04:

Praticamente não dou aula em sala de aula convencional. Sinto que perco tempo na sala de aula – de cada hora investida em sala de aula, o rendimento talvez seja de uns 10 minutos. Eu me esforço para trazer componentes práticos e úteis para os alunos – e felizmente a infraestrutura do campus atende satisfatoriamente as necessidades.

O contexto exposto por Xavier, o da sala de aula convencional, é compreendido por ele como um espaço onde há perda de tempo, pois “de cada hora investida em sala de aula, o rendimento talvez seja de uns 10 minutos”. Provavelmente isso ocorre devido à natureza da disciplina ministrada, que demanda o uso prático dos materiais pelos alunos e que ele revela ao dizer: “eu me esforço para trazer componentes práticos e úteis para os alunos”. Essa preocupação com o espaço físico, com os componentes úteis, com as práticas e com o aproveitamento do aluno revela o agir do professor que percebe um fluir das várias dimensões humanas (cognitivas, psicológicas, identitárias, linguísticas, sociais, culturais, etc.) durante o processo de ensino e aprendizagem, assim como as possíveis ressignificações do seu fazer docente.

Podemos inferir linguisticamente, nesse caso via modalizações apreciativas e pragmáticas, que Xavier desenvolve mais o seu trabalho docente no laboratório, oferecendo um grau valorativo maior em comparação à sala de aula tradicional: “praticamente não dou aula em sala de aula convencional”, “sinto que perco tempo na sala de aula” e “felizmente a infraestrutura do campus atende satisfatoriamente as necessidades”. As modalizações apreciativas estão representadas pelos advérbios de modo “praticamente”, “felizmente” e “satisfatoriamente”, que indicam uma interpretação singular do professor sobre a frequência de aulas na sala convencional e a qualidade da infraestrutura do campus. A modalização pragmática “sinto que perco” revela um julgamento de sua responsabilidade de ator da prática

docente, talvez pautada em suas experiências como aluno da graduação em Engenharia da Computação e da sua vivência como engenheiro-professor do IFPB. Esse entendimento sobre o agir do professor corrobora Freire (2013), que assinala que “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (p.39).

Assim, inferimos que o conflito assinalado neste excerto sobre o ensino em sala de aula e no laboratório, perpassado pela perda de tempo é condicionante de uma ação do engenheiro-professor: “eu me esforço para trazer componentes práticos e úteis”. Nesse sentido, há uma mobilização psicológica de Xavier, ao se esforçar para trazer algo, que pode ser compreendida como uma tomada de consciência acerca da necessidade/importância de adaptar a realidade mercadológica à sala de aula de aula e ao laboratório, partindo do sentido educacional do IFPB: o de prover Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), direcionando os alunos para atuarem no mundo do trabalho.

Dialogando com esse conflito do meio-aula, apresentamos o último CT.

4.3 CT3: Conflitos pedagógicos

Este CT apresenta um excerto relevante sobre o conflito pedagógico na atividade docente do engenheiro-professor, tomando como ponto de partida as representações da área de Engenharia.

Segmento 5:

A engenharia molda uma forma de pensar. Não é à toa que muitos engenheiros estão em postos de gestão. A forma pragmática de lidar com as situações é bem presente – talvez aí esteja a maior fonte de conflitos com as incertezas da pedagogia.
A busca por procedimentos, soluções, técnicas e estratégias é bem comum da engenharia. Tento trazer essa forma de pensar para a educação.

Nesse segmento, duas áreas são ressaltadas por Xavier: a Engenharia e a Pedagogia. Para cada uma, ele apontou determinadas características reveladoras do seu olhar de engenheiro-professor-observador crítico, sobretudo pelas escolhas semânticas, que nesse contexto analisado, evidenciam a dualidade entre as áreas. Sobre a primeira, ele diz que: “a engenharia molda uma forma de pensar”, “a forma pragmática de lidar com as situações é bem presente” e “a busca por procedimentos, soluções, técnicas e estratégias é bem comum da engenharia”. Além disso, as modalizações apreciativas “bem comum” e “bem presente” denotam o seu valor de julgamento subjetivo sobre as ações dos engenheiros. Em contra partida, a Pedagogia foi acionada por meio das “incertezas da pedagogia” Essas três representações acerca da Engenharia e apenas uma da Pedagogia anunciam o lugar social no qual Xavier mais se reconhece e se apoia. Além disso, o pragmatismo, o positivismo e o reducionismo da área de exatas (“procedimentos, soluções, técnicas e estratégias”) entram em conflito com a formação e o desenvolvimento do homem e o processo de ensino e aprendizagem reveladores do olhar das ciências humanas e sociais, que não buscam a exatidão da Engenharia, pois o ser humano é inacabado (FREIRE, 2013). Contudo, é importante ressaltar que esse conflito pedagógico, ao provocar reflexões, está mobilizando esforços do professor na tentativa de “trazer essa forma de pensar para a educação”, mediante adaptações da sua própria prática docente e da sua ampla participação na CEAP, promovendo espaços para formação de professores e consequentemente, desenvolvimento individual e coletivo.

CONSIDERAÇÕES GERAIS: As ações amplificadoras dos conflitos

É preciso se dar o direito de (re)fazer-se, de transformar(-se) e aliviar-se do peso de ser o mesmo a vida inteira. (MEDRADO e VELLOSO-LEITÃO, 2018)

Nesse entrecruzamento entre Engenharia e Docência, linguagens, pensamentos, formas de agir e de refletir diferentes interagem de maneira dinâmica e situacional: o conhecimento exato e o humano realizam intercâmbios (in)voluntários a fim de traduzir e compreender melhor o espaço no qual o trabalho docente do engenheiro-professor se desenvolve e se organiza.

Primeiramente, ressaltamos o texto como o lugar onde temos acesso ao que o professor planejou e/ou não realizou, ou seja, as suas ações. Ao verbalizar as suas ações, o trabalhador, via representações, pode reconceptualizar o seu agir, refletir acerca do seu trabalho e se desenvolver. Sob esse aspecto, tomamos o texto como instrumento psicológico de desenvolvimento humano (FRIEDRICH, 2012).

Sobre os conflitos, enfocamos sua importância nos âmbitos pessoal e profissional, pois é por meio de situações conflituosas que enxergamos o outro e o mundo sob outros pontos de vista e que analisamos/compreendemos quem somos, o que fazemos e como fazemos. Novos circuitos se desenvolvem, outros se (trans)formam e outros desaparecem momentaneamente.

Assim sendo, podemos identificar via linguagem (como o uso das modalizações, por exemplo), a conexão entre as construções sociais e individuais de Xavier que organizam o seu trabalho docente e influenciam em suas representações sobre o presente como engenheiro-professor, o seu passado e quem sabe o seu futuro como desenvolvedor de *hardware* e *firmware*, em um processo de (des)construção identitária.

Destacamos também a relevância de um diálogo entre a Engenharia e a Pedagogia de forma mais profícua, transformando uma dualidade em complementariedade, sem perder de vista o lado humano do aluno e do professor nas interações durante o processo de ensino e aprendizagem.

Desta maneira, concluímos que os conflitos retroalimentam as profissões, na medida em que, ao afetar o trabalhador, o desloca de sua zona de conforto, possibilitando ressignificações de seus valores, ação esta perpassada pela sensibilidade, reflexão e autoconhecimento.

REFERÊNCIAS

AMIGUES, René. Trabalho do Professor e trabalho de ensino. In.: MACHADO, Anna Rachel (org.). **O ensino como trabalho**. São Paulo: EDUEL, 2004, p.37-53.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: Educ, 1999.

_____. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum Editora, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de

Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FRIEDRICH, Janette. **Lev Vigotski: mediação, aprendizagem e desenvolvimento: uma leitura filosófica e epistemológica.** Tradução Anna Rachel Machado e Eliane Gouvêa Lousada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

MACHADO, Anna Rachel. Por uma concepção ampliada do trabalho do professor. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antônia (orgs.). **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas.** São Paulo: Mercado de Letras, 2007. p.77-97.

MEDRADO, Betânia Passos; VELLOSO-LEITÃO, Liane. **Por entre paisagens líquidas: a construção identitária de professores de inglês no contexto de cursos de idiomas.** 2018 (no prelo).

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: SP, Parábola Editorial, 2006.

_____. (Org.). **Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani.** São Paulo: Parábola, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007 [1984].

_____. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008 [1987].

CONFLICT: ONE OF THE DRIVING FORCES IN THE ENGINEER-PROFESSOR'S DEVELOPMENT

Abstract: *Human relations are constituted by conflicts which promote individual development, from the moment when reflections of teacher's work have been made, demanding changings in their be and do. Taking the work into a perspective of a conflicted activity, this research aims, based on Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2013), to analyse the representations of an engineer-professor's work at Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) through conflicts from personal and professional experiences in Engineering and Teaching. Therefore, we are supported by the Sociodiscursive Interactionism (BRONCKART, 1999), which has the concept of human development (VYGOTSKY, 2007 [1984], 2008 [1987]) as its theoretical basis and the Clinic of Activity (CLOT, 2010), which assumes the conflict as a development generator by the Vygotskian approach. The data, produced via questionnaire with questions based on the participant's experience as an engineer and an engineer-professor, was analyzed by two linguistic categories: thematic contents and modalizations. Thus, the discussion signals to: the importance of the text in the teacher's work's comprehension, the necessity of understanding the social and individual constructions, the influence of space and time in the (de)construction of identities and the urgency of a dialogue between Engineering and Pedagogy. All those aspects are*

fundamental in the engineer-professor's work in order to not lose the focus on the students' human side and mainly, to understand the conflicts as a professional auto feeding.

Key-words: *Engineer-professor's formation. Conflicts. Human development. Applied Linguistics.*